

NACIONALISMO E REVOLUÇÃO NA PROPAGANDA FASCISTA ITALIANA: O CASO DO JORNAL *CORRIERE DELLA SERA*

NATIONALISM AND REVOLUTION IN ITALIAN FASCIST PROPAGANDA: THE CASE OF THE NEWSPAPER CORRIERE DELLA SERA

Beatriz Nascimento Teles*

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como o jornal *Corriere della Sera* fazia propaganda do regime fascista italiano, com ênfase nas temáticas do nacionalismo e da revolução. Para isso, são analisados os discursos oficiais, as reformas na legislação no que concerne à imprensa escrita e as páginas do jornal em questão, no período entre a Guerra da Etiópia, em 1935, até a fundação da República de Saló, em 1943. O referencial teórico para a análise da mídia impressa é a teoria crítica da Escola de Frankfurt e a análise do discurso propagandista de Patrick Charaudeau. Por meio disto, percebe-se o uso extensivo da repetição, da difamação, do medo e da ilusão de forma a reafirmar um tipo de nacionalismo fascista e uma adaptação do conceito de revolução na propaganda fascista italiana.

PALAVRAS-CHAVE: fascismo; Itália; mídia; nacionalismo; revolução.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze how the journal *Corriere della Sera* made propaganda of Italian Fascist Regime, emphasizing on nationalism and revolution thematic. We took into account official discourses, the newspaper law reforms, and *Corriere della Sera* pages. The lapse of time considered includes the period since the Italo-Ethiopian War in 1935 until the foundation of Republic of Salò in 1943. This study is based on the theoretical referential of Frankfurt School Critical Theory and Patrick Charaudeau discourse analysis. Our conclusion is that discourse techniques like repetition, defamation, hate speech and illusion were extensively used in Italian fascist propaganda in order to claim a kind of fascist nationalism and an adaptation of the revolution concept.

KEY WORDS: fascism; Italy; media; nationalism; revolution.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, orientanda do prof. Dr. Geraldo Antonio Soares. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Endereço: Rua Dr. Dido Fontes, 580, Jardim da Penha – Vitória -ES. Email: bnteles@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em outubro de 1922, Benito Mussolini foi nomeado a Primeiro-Ministro da Itália pelo rei Vittorio Emanuele III. A partir dessa data, a Itália seria governada pelo chefe do Partido Fascista Italiano, fundado em 1921, pelo próprio Mussolini. De 1928 a 1943, este seria o único partido da Itália.

O fascismo foi a principal inovação política do século XX (PAXTON, 2007, p. 13). Enquanto modelo de governo, se estendeu pela Europa até a Alemanha, quando Adolf Hitler, líder do Partido Nacional Socialista desde 1921, foi nomeado pelo então presidente Paul von Hindenburg a chanceler da Alemanha, em 1933. Um ano depois, com a morte de Hindenburg, os cargos de chanceler e presidente foram unificados sob a figura de Hitler.

Enquanto ideologia², o fascismo italiano vem sendo definido de diversas formas por diferentes especialistas no assunto. Essas diferentes definições se referem por vezes a diferentes períodos do regime: seja à fundação do movimento³, ao período de chegada do Partido Nacional Fascista ao poder após a Marcha sobre Roma⁴, ou ao final da década de 1930, considerado o período de construção de um regime totalitário, que afinal nunca se concretizou.

Palmiro Togliatti, um dos fundadores do Partido Comunista italiano, definiu o fascismo em 1933 como uma “ideologia eclética” (1978, p. 8), que usava o nacionalismo como ideologia unificadora capaz de unir a sociedade italiana do entre guerras. Emilio Gentile considerou o fascismo uma “acumulação de ideias diversas” (2008, p.77). Robert Paxton afirma que o fascismo no poder foi uma “rede de relações” e que, por esse motivo, seu programa não possuía “uma essência fixa” (2007, p. 336). Hannah Arendt definiu que o fascismo italiano se destacava por uma total ausência de um complexo ideológico e de um programa formal, marcado por uma liderança forte (2012, p. 374). Pode-se chegar a tal conclusão perante as afirmações do próprio Mussolini quando disse que “o fascismo é uma

² Ideologia é entendida como um conjunto de referências, de ideias e ideais, fruto das formações espirituais, que dão justificção para determinados interesses particulares (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 191).

³ Considera-se a construção do movimento fascista através da fundação dos *Fasci Italiani di Combattimento*, grupo apartidário fundado em Milão em 1919, por meio da divulgação do Manifesto dos *Fasci*, que continha algumas das principais propostas do movimento que se transformou em Partido Nacional Fascista em 1921.

⁴ A Marcha sobre Roma ocorreu em 28 de outubro de 1922 e foi uma manifestação organizada pelo Partido Nacional Fascista com o intuito de pressionar o Rei Vittorio Emanuele III a nomear Mussolini como Primeiro-Ministro. Então nomeado, Mussolini formou um governo de coalização com os outros partidos majoritários a partir 31 de outubro.

grande mobilização de forças materiais e morais”⁵ e que seu programa seria aquele necessário para que essa mobilização se mantivesse e que a nação fosse governada (1921, p. 1).

O que se pode afirmar é que o fascismo não tinha um programa rígido de governo. Principalmente quando se compara fascismos de diferentes países da Europa, a diferença se acentua ainda mais, já que os movimentos fascistas levantavam problemáticas específicas de cada país. Se a atenção é voltada para a Itália, durante as duas décadas de existência do regime o programa se alterou significativamente, de acordo com demandas internas e externas.

Contudo, pode-se afirmar também que o discurso⁶ do regime fascista italiano manteve alguns pontos em comum durante toda a sua existência, desde a fundação do movimento até a ascensão e desenvolvimento do regime. Duas das principais permanências nesse discurso foram as temáticas do nacionalismo e da revolução. E ambas foram usadas de forma extensiva tanto no discurso oficial quanto nos meios de comunicação.

O que se pretende nesse artigo é analisar o discurso do jornal o *Corriere della sera* e verificar em que medida essa mídia foi instrumentalizada pelo regime fascista italiano, com enfoque no período em que a Itália se engajou em guerras de expansão e na Segunda Guerra Mundial, ou seja, entre 1935 e 1943. Para isso, a análise se ancora nos princípios da teoria crítica da Escola de Frankfurt, no que diz respeito aos conceitos de indústria cultural e opinião pública⁷. Além disso, o trabalho é guiado pela análise do discurso das mídias do linguista francês Patrick Charaudeau, que define algumas das principais estratégias do discurso manipulatório, no qual esse trabalho será baseado.

O NACIONALISMO FASCISTA

A nação é entendida neste artigo como uma comunidade imaginada, socialmente construída, em que seus membros compartilham afinidades sem nunca terem se conhecido (ANDERSON, 2008, p. 30). O nacionalismo exerce um papel de substituto da religião nas

⁵ “Il fascismo è una grande mobilitazione di forze materiali e morali”.

⁶ Definido por Michel Foucault como manifestação/ocultação de um desejo, sendo essa manifestação “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório” (2007, p. 9). A partilha por um grupo de um determinado tipo de discurso une os indivíduos a certo tipo de enunciação e, conseqüente, os proíbe dos outros.

⁷ Jürgen Habermas define opinião pública enquanto um julgamento ou opinião a respeito de determinado assunto a partir de um grupo social. A esfera pública seria o espaço onde ocorre o confronto de opiniões a fim de se chegar a um julgamento. Opinião pública é um conceito temporal, ou seja, é uma tendência historicamente definida (1977, p. 198).

sociedades ocidentais modernas ao passo que essas sociedades passaram a sofrer uma espécie de desencantamento a partir do século XVIII. Talvez por esse motivo o nacionalismo começou a ser usado como bandeira ideológica, como justificação para fins políticos. Além disso, seu papel ideológico de substituto da religião explica em parte o poder de mobilização que exerce sobre as massas⁸.

A respeito da Itália, o nacionalismo foi a ideologia usada para unificar as diferentes correntes da luta pelo poder político e arregimentar as massas (TOGLIATTI, 1978, p. 9). Essa abordagem, que pregava a transformação do indivíduo em coletivo, era um tema especialmente aglutinador na Itália após a Primeira Guerra. Isso porque, apesar de estar do lado vencedor da guerra, a Itália, às custas de muitas vidas, havia tido uma “vitória mutilada” (D’ANNUNZIO apud VALERI, 1974, p. 35)⁹.

No âmbito europeu, principalmente na Itália e Alemanha, a ideologia nacionalista foi usada como forma de justificar tomadas de decisões políticas que desrespeitavam princípios humanitários, base dos tratados do pós-Primeira Guerra. Nesse sentido, o nacionalismo foi usado para afirmar os direitos dos cidadãos nacionais em detrimento dos direitos humanos universais e inalienáveis. Ou seja, para justificar a xenofobia e o racismo.

O nacionalismo e o seu conceito de “missão nacional” perverteram o conceito nacional de humanidade como família de nações, transformando-a numa estrutura hierárquica onde as diferenças de história e de organização eram tidas como diferenças entre homens, resultantes de origem natural (...) O racismo introduziu o conceito da origem divina de um povo em contraste com todos os outros (ARENDRT, 2012, p. 266).

O nacionalismo servia ao regime fascista italiano como justificação para a intervenção contra aqueles que complicassem o alcance da harmonia social desejada pelo regime. A ditadura e a tentativa de implantação de um regime totalitário propiciavam a oportunidade de perseguir a expansão do poder político e de vigilância sem a interferência da oposição, seja por partidos, organizações de trabalhadores ou da imprensa. A ideia de nação orgânica que se construiu contribuía ainda mais para a justificação da busca pela harmonia social.

⁸ Massas se refere, segundo conceito de Hannah Arendt, a um grupo de “pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto” (2012, p. 361).

⁹ Apesar de ter vencido a guerra, nem todos os acordos que foram firmados entre Itália e os outros vencedores foram cumpridos por parte destes, sendo que algumas dessas reivindicações foram sendo arrastadas por todo o período do entre guerras. Uma delas foi de anexar a cidade de Fiume, hoje Croácia, ao território italiano caso ganhassem a guerra. Essa reivindicação nunca foi atendida.

A Nação italiana, é um organismo, que tem fins, vida, meios de ação superiores aos dos indivíduos isolados ou agrupados que a compõe. É uma unidade moral, política e econômica, que se realiza integralmente no Estado fascista (MUSSOLINI, 1938, ebook).

Dessa forma, as ideias de nacionalismo, nação e nacionalidade foram sendo pervertidas de acordo com o momento político, com a necessidade do Estado. Nacionalidade italiana se tornou sinônimo de fascista. Uma coisa não era admitida sem a outra de acordo com o discurso fascista.

A unificação italiana, ocorrida tardiamente no final do século XIX, foi liderada pelo Reino de Piemonte e Sardenha, não por um movimento popular, nem com o apoio da população. As várias guerras do *Risorgimento* italiano tinham caráter regional inicialmente, e só foram reunidas em prol da unificação nacional através da intervenção de um Estado. Grande parte da população do que viria a ser Itália nem sequer falava italiano, mas sim dialetos. Por esse motivo, os fascistas de primeira hora, ou seja, aqueles que se filiaram antes da Marcha sobre Roma, queriam corrigir esse erro histórico. Acreditavam que um dos papéis fundamentais do regime fascista deveria ser o de completar a unificação, dessa vez com a participação ativa dos italianos, então fascistas.

Para realizar esse objetivo, o regime tinha um desafio pela frente: eliminar os regionalismos, que eram muitos, começando a partir da disseminação do italiano como língua comum. Estima-se que em 1922 quase 30% da população italiana se comunicava exclusivamente através de dialetos regionais. Esse número desceu para 25% em 1931 (BEN-GHIAT, 1997, p. 439).

O jornalista Luigi Freddi afirmou em agosto de 1929 que

Forma e pronúncia devem ser a mesma dos Alpes ao Mediterrâneo se a língua italiana tem que ser realmente nacional. Unidade linguística é um coeficiente essencial para a unidade nacional¹⁰ (apud BEN-GHIAT, 1997, p. 439, tradução nossa).

Em 1929, o Estado fascista assinou um pacto de apoio mútuo com a Igreja Católica, que foi a Concordata. Esse acordo confirmou um substancial consenso do qual aproveitava o regime fascista, que pelo menos havia conseguido eliminar a oposição ativa internamente. A partir desse momento, se intensifica a política de combate aos regionalismos, até então não encampada integralmente devido à impopularidade do tema. Associações regionais, como a Associação Emiliano-Romagnola¹¹, situada em Roma, foram fechadas. O

¹⁰ “Form and pronunciation must be the same from the Alps to the Mediterranean if the language is to be truly national. Linguistic unity is an essential coefficient of national unity”.

¹¹ Faz referência à região da Emilia-Romagna, no norte da Itália.

motivo seria o descabimento de associações que tentavam preservar culturas regionais e incentivá-las, já que o mais importante seria o pertencimento à nação. Em carta ao jornal o *Corriere della sera* em 21 de julho de 1932, Mussolini afirmou:

Associações de tipo regional em Roma, *communis Patria*, não tem razão de ser, especialmente depois da Guerra e da Revolução fascista (...). O regionalismo, como tendência e fato, já não existe, salvo nessas associações, que podem também deixar de existir¹² (1932, p. 1, tradução nossa).

Dois dias depois o *Corriere* escreveu matéria em apoio a Mussolini.

É importante para a sorte de um povo que a elaboração de uma fisionomia nacional aconteça da melhor forma e se aperfeiçoe continuamente. É essencial que pouco a pouco se eliminem ou pelo menos se corrijam energeticamente as partes piores e menos úteis do costume vigente (...) O regionalismo era um desses obstáculos fundamentais que se opunham à obra de melhoramento moral e político (...) Não existem para os italianos ‘pequenas pátrias’ regionais; a Pátria é uma só e grande¹³ (GLI ITALIANI..., 1932, p.1, tradução nossa).

A matéria em questão e o discurso de Mussolini em relação ao tema dos regionalismos dizem pouco sobre sua existência ou não na Itália. O que importa é dizer que, a partir desse momento, o povo italiano não deve se apegar ou se identificar com essas ditas “pequenas pátrias”, mas sim com a grande pátria que é a Itália.

A partir do início da Guerra da Etiópia em 1935, na qual a Itália venceu e anexou aquele território africano a seu império, o nacionalismo se direcionou para o conflito armado. Essa tendência se confirmou quando a Itália entrou na Segunda Guerra, após declarar guerra à França e Grã-Bretanha. Isso pode ser percebido em uma carta de um estudante italiano para seu tio em Nova York, em 7 de junho de 1940.

A Itália entrará logo em guerra pela reivindicação dos seus direitos. Talvez, espero, eu também irei. Amo a Itália, amo a minha pátria de um amor não condicionado nem por sacrifícios nem por renúncias. Ao som de uma marcha militar, de um hino patriótico, o sangue corre mais velozmente nas veias, um entusiasmo, uma emoção me percorre os ossos e estou orgulhoso de ser italiano!¹⁴ (apud CAVALLO, 1997, p. 42, tradução nossa).

¹² “Associazioni a tipo regionale a Roma, *communis Patria*, non hanno ragione di essere, specialmente dopo la Guerra e la Rivoluzione fascista (...) Il regionalismo, come tendenza e fatto, è tramontato definitivamente, salvo in queste associazioni, che possono anche esse tramontare”.

¹³ “È importante per la fortuna di un popolo che questa elaborazione di una fisionomia nazionale avvenga nel modo migliore e si perfezioni continuamente. È essenziale che via via si estirpino o almeno si correggano energeticamente quelle che appaiono le parti meno buone e meno utili del costume vigente (...) Il regionalismo era uno degli ostacoli fondamentali che si opponevano a quest’opera di risanamento morale e politico (...) Non esistono per gli italiani le ‘piccole patrie’ regionali; la Patria è una sola e grande”.

¹⁴ “L’Italia entrerà presto in guerra per la rivendicazione dei suoi diritti. Forse, spero, anch’io andrò. Amo L’Italia, amo la mia patria di un amore non condizionato né da sacrifici né da rinunzie. Al suono di una marcia militare, di un inno patriottico, il sangue scorre più velocemente nelle vene, un entusiasmo, un brivido mi percorre le ossa e sono fiero di essere Italiano!”.

A Itália fascista então conseguiu construir um movimento de massa moderno, organizado em um Estado já existente, ou seja, sem destruir as estruturas do Estado liberal, por meio da mobilização permanente da opinião pública ao redor do nacionalismo extremista, feito que só havia sido realizado em um Estado-nação em estado de guerra (ARENDR, 2012, p. 292).

O nacionalismo fascista estava diretamente ligado à ideia de revolução, e à ideia de que Mussolini, sendo ele um instintivo líder, guiaria o povo italiano e a Itália a um destino histórico tão heroico quanto foi o do Império Romano. A revolução anunciada era de natureza moral e espiritual, sendo que a Itália superaria seus inimigos ricos, mas decadentes, através de uma moral superior.

REVOLUÇÃO E REGENERAÇÃO

Um dos objetivos do regime foi a construção de uma identidade coletiva nacional e fascista. No processo de construção ou produção de uma identidade, sua fixação e estabilização, mesmo que seja impossível de ser concluída, é uma tendência geral (SILVA, 2000, p. 94) e foi também no caso da Itália fascista. A combinação de uma identidade coletiva que unisse a nação e o fascismo era o foco do regime. E para ajudar nesse fim, a essência da propaganda era a repetição do discurso oficial.

O discurso, munido de rituais e doutrinas, conseguiu representar a opinião pública, encontrando correspondências nela, a partir do momento em que o regime unia, na sua construção identitária, passado, presente e futuro para justificação dos seus enunciados. Um passado mítico, que reportava à Roma de Júlio César e ao Renascimento, e a promessa de um futuro igualmente glorioso requeriam uma revolução no presente.

A ideia de revolução pregada por Mussolini foi, assim como a ideia de nacionalismo, uma adaptação que serviu para justificar fins políticos e tomadas de decisão.

O conceito de revolução mudou muito entre o período anterior à Revolução Francesa e o que se entende hoje como revolução. Até a Revolução Francesa, entendia-se revolução, em política, como um movimento histórico cíclico de volta a um status anterior. As mudanças políticas conduziram sempre a um ponto já conhecido (KOSELLECK, 2006, p. 63). Seria também o equivalente de insurreição, guerra civil, rebelião. Depois da Revolução Francesa, revolução passou a ter diversos sentidos, mas apontando sempre para mudanças utópicas, abrindo um “novo horizonte de expectativas” (p. 68). Mas, além disso, tanto para

Reinhart Koselleck quanto para Hannah Arendt, dois teóricos que se debruçaram sobre esse conceito, uma revolução se dirige sempre para um destino de liberdade.

Mas o que teria então a revolução fascista de Mussolini em comum com o conceito de revolução?

Os fascistas deixaram de propor uma revolução socioeconômica na Itália antes mesmo de chegarem ao poder, em busca de apoio da burguesia italiana. O que continuou a ser proposto foi uma transformação no modelo de cidadania e de participação popular. A revolução exigia um consentimento das massas, porém esse consentimento deveria ser ativo.

O consentimento que a vontade política exige não é a submissão natural e instintiva de uma tribo de primitivos em relação ao seu chefe, mas uma adesão deliberada e consciente a uma ordem histórica que tem sua realidade na vida de todos e que, conseqüentemente, reconhece nessa vontade uma interpretação dela mesma e o impulso de seu progresso¹⁵ (MANCINI; PAGLIARDO; MARTINI, 1940, p. 575-576).

Essa adesão deliberada e consciente deveria acontecer naturalmente, a partir da confiança de que Mussolini era o líder capaz de conhecer a vontade coletiva melhor do que ninguém e de saber qual seria a melhor forma para conquistar um futuro glorioso para a Itália.

O que propunha o fascismo era uma transformação do papel da Itália na hierarquia mundial, através inclusive de uma política imperialista forte, de expansão principalmente para o norte da África e para a região dos Balcãs. Para isso, o regime precisava constantemente justificar a importância de sua política intervencionista para seus próprios cidadãos, dando ênfase às suas conquistas. Além disso, também construía uma imagem negativa do resto dos países da Europa, principalmente da Grã-Bretanha e França, guardiões dos tratados pós-Primeira Guerra, e União Soviética, de onde vinha a ameaça comunista.

Com relação à guerra com a Etiópia, anexada ao território italiano que foi transformado em império em 9 de maio de 1936, o *Corriere della sera* noticia em primeira página no dia 11 de maio: “Fundação do Império Fascista. A hora do triunfo romano. Vontade mussoliniana e o ardor do povo são impostos – a inevitabilidade do fato reconhecido pela opinião mundial¹⁶” (FONDAZIONE..., 1936, p. 1, tradução nossa). Na mesma página, o jornal faz um resumo de como a Europa recebeu a notícia da anexação da Etiópia pela Itália e

¹⁵ “Il consenso che la volontà politica esige non è a sottomissione naturale e istintiva che una tribù di primitivi ha di fronte al suo capo, ma è la deliberata e cosciente adesione ad un ordine storico che ha realtà nella vita di tutti e che quindi in quella volontà riconosce un’interpretazione di sé e l’impulso del suo progredire”.

¹⁶ “Fondazione dell’Impero Fascista. L’ora del trionfo romano. Volontà mussoliniana e ardore di popolo si sono imposti – L’irrevocabilità del fatto compiuto riconosciuta dall’opinione mondiale”.

da criação do império. Da parte dos ingleses e franceses, o *Corriere* afirmou, em uma matéria com o título “Embaraço e amargura em Londres e Paris¹⁷”:

Do ponto de vista político pode-se dizer que os ingleses ficaram surpresos. Talvez, apesar de tudo, se acreditava que a Itália preferisse conquistar a simpatia e a aprovação daquelas duas nações que agora ainda mais se agitam contra ela, França e Inglaterra, as quais até ontem procuravam impedir a Itália de conquistar um império¹⁸ (IMBARAZZI..., 1936, p. 1, tradução nossa).

Por outro lado, na mesma página o jornal aponta que a imprensa alemã reconheceu a fundação do Império italiano como uma grande conquista e que essa seria “a grande hora da Itália¹⁹” (LA GRANDE..., 1936, p. 1, tradução nossa).

Essas duas matérias postas juntas, na mesma página e lado a lado, incitam a compreensão, através de uma simplificação, de quem são os amigos e quem são os inimigos da Itália na Europa. França e Grã-Bretanha seriam seus inimigos e responsáveis por uma grande trama internacional na tentativa de impedir que a Itália conquistasse o império.

Ainda em 1936, a Itália mandou tropas de auxílio aos militares na Guerra Civil Espanhola. A justificativa dada na imprensa era de que a Itália deveria lutar contra a ameaça comunista vinda da Espanha. Em 3 de janeiro de 1937, o *Corriere* informa: “Segundo uma informação de Madrid, o número de execuções efetuadas pelos vermelhos até o início de dezembro passado sobre para 50 mil²⁰”. A mesma matéria relata o outro lado da história: “Na ocasião do ano novo o general Franco, Chefe de Estado espanhol, perdoou 70 comunistas condenados à morte pelo Conselho de guerra²¹” (LE VITTIME..., 1937, p. 7, tradução nossa). Assim como no exemplo anterior, também aqui se usou a estratégia de colocar matérias lado a lado de forma a delinear quem é o inimigo e quem é o aliado. Nesse caso, deu-se destaque à suposta crueldade dos comunistas, que seria provada por informação dada por uma fonte não identificada. Em contraposição, o general Francisco Franco seria caridoso, poupando vidas de comunistas condenados.

Já após a entrada na Segunda Guerra, com a declaração de guerra feita em junho de 1940 à França e Grã-Bretanha, o jornal italiano usou novamente a estratégia discursiva utilizada nos dois exemplos anteriores, dessa vez contrapondo ingleses e alemães. Em 27 de

¹⁷ “Imbarazzi e amarezze a Londra e Parigi”.

¹⁸ “Dal punto di vista politico si può dire che gli Inglesi sono rimasti sbalorditi. Forse, malgrado tutto, si credeva che l'Italia preferisse accattivarsi la simpatia e l'approvazione di quelle due Nazioni che ora più si agitano contro di essa, Francia e Inghilterra, le quali sino a ieri cercavano di impedire all'Italia di conquistare un impero”.

¹⁹ “La grande ora dell'Italia”.

²⁰ “Secondo un'informazione da Madrid, il numero delle esecuzioni effettuate dai Rossi fino al principio di dicembre scordo sale a 50 mila”.

²¹ “Nell'occasione del nuovo anno il gen. Franco, Capo dello Stato spagnolo, ha graziato 70 comunisti condannati a morte dal Consiglio di guerra”.

junho, o *Corriere* mostrou a fúria dos ataques aéreos contra alvos civis, a respeito de ataques que teriam sido feitos pelos ingleses a alvos civis alemães, inclusive a um navio pesqueiro. Falou-se em mais de duzentas bombas lançadas e 36 mortos, em zona predominantemente civil (L'ACCANIMENTO..., 1940, p. 7). Na mesma página, o jornal informou que Estrasburgo havia sido invadida pelos alemães, que não precisaram fazer o uso da força.

Assim, sem um tiro de fuzil foi ocupada Estrasburgo (...) a cidade mais ameaçada e mais exposta de todo o front fortificado do Reno. Respeitada escrupulosamente pelos alemães, para os quais teria sido penoso serem forçados por razões militares a inferir contra uma cidade que se manteve sempre e apesar de tudo alemã²² (STRASBURGO..., 1940, p. 4, tradução nossa).

Nesse caso, é demonstrada a crueldade dos ingleses na guerra pela matança de pessoas inocentes, com bombardeios a “objetivos claramente não militares²³” (L'ACCANIMENTO..., 1940, p. 7, tradução nossa), o que aumenta a gravidade do problema. Por outro lado, os alemães conseguiram evitar o uso da violência na invasão da “cidade mais ameaçada e mais exposta de todo o front”. Isso porque a cidade era muito respeitada pelos alemães e se a força tivesse que ter sido usada, seria por força dos acontecimentos e não por opção.

Dessa forma, o regime fascista criava a imagem dos seus inimigos políticos e de seus aliados, e ao mesmo tempo criava a imagem da Itália, dos italianos, e da inevitabilidade dessa guerra justa, entre países ricos exploradores contra países pobres explorados.

PROPAGANDA POLÍTICA OU MANIPULAÇÃO?

Em uma democracia, a tentativa de persuadir e seduzir o público é parte inerente do discurso da propaganda política. Este deve não só chegar ao público, mas deve convencer, a partir de uma mistura entre argumentos racionais e emocionais. Na tentativa de alcançar o poder ou de mantê-lo, “a instância política se encontra em situação de dever fazer aderir à sua política uma maioria de indivíduos sobre os quais não tem poder de injunção” (CHARAUDEAU, 2010, p. 67).

No caso do regime fascista italiano, enquanto política de massa, se faz uso instrumental das mídias e da indústria cultural de forma a persuadir a opinião pública a acreditar em algo e a agir de acordo com isso. Assim, a opinião pública é incitada a se

²² “Così, senza un colpo di fucile fu occupata Strasburgo (...) la città più minacciata e più esposta di tutto il fronte fortificato del Reno. Rispettata scrupolosamente dai Germanici, per i quali sarebbe stato penoso essere costretti per ragioni militari a inferire contro una città rimasta sempre e nonostante tutto germanica”.

²³ “Obiettivi palesemente non militare”.

mobilizar em prol de projetos políticos do regime como se fossem seus. E essa ilusão é um dos principais pilares do discurso de manipulação: o manipulado não sabe que está sendo manipulado a pensar e agir de determinada forma.

Além da ilusão, enquanto condição para qualquer discurso bem-sucedido de manipulação, outra estratégia empregada é a narrativa dramática, que tem o intuito de provocar reações como medo, angústia ou exaltação. Nessas narrativas, como vimos nas matérias do *Corriere della sera*, ficam em destaque heróis e vilões, num jogo maniqueísta. É provocada a simpatia a respeito dos alemães e o temor a respeito dos ingleses e comunistas.

Na primeira página do *Corriere* do dia 18 de junho de 1935 se lia: “Imperador da Etiópia dirige o movimento antieuropeu na África²⁴”. Além de denunciar uma série de massacres que teriam sido cometidos sob a liderança do imperador Hailé Selassié, o jornal classificou as insurreições dos africanos como “insurreições xenófobas dos negros da África²⁵”. Essas insurreições seriam dirigidas pelo imperador etíope e por “associações xenófobas²⁶” espalhadas pela África e América, que teriam como objetivo fazer terrorismo e “massacrar os brancos²⁷”. Essa narrativa dramática vinha justificar a intervenção italiana na Etiópia, como uma ação necessária. O “perigo negro²⁸” deveria ser eliminado pela Itália de forma a proteger os brancos, não só da Itália como de todos os outros países europeus que tinham colônia na África (L’IMPERATORE..., 1935, p. 1, tradução nossa). Mesmo que leis raciais só fossem implantadas na Itália em 1938, percebe-se já em 1935 um discurso racista, que vem justificar uma dita superioridade da raça branca e também a necessidade do uso da força para proteger sua existência. Mais uma vez, o jornal em questão delimita quem são os heróis e quem são os vilões, além de incitar o medo em relação a quem supostamente estaria ameaçando a existência do povo italiano. O projeto imperialista do regime fascista italiano é maquiado a fim de convencer a opinião pública de que esta causa na verdade é de todos os italianos, que deveriam ser os maiores interessados em eliminar uma ameaça grave que vem da África.

Outra estratégia utilizada no caso anterior é a simplificação. Sua função é, a partir do lançamento de “fórmulas imagéticas”, essencializar comportamentos e julgamentos e criar ou reafirmar estereótipos, tornando-os suporte para identificar algo ou alguém. Essa

²⁴ “L’Imperatore d’Abissinia dirige il movimento antieuropeo in Africa”.

²⁵ “Insurrezioni xenofobe dei negri d’Africa”.

²⁶ “Associazioni xenofobe”.

²⁷ “Massacrare i bianchi”.

²⁸ “Pericolo nero”.

categorização dos comportamentos dos outros vem acompanhada de sua incansável repetição (CHARAUDEAU, 2010, p. 69).

Podemos perceber esse tipo de técnica também em uma matéria do dia 5 de janeiro de 1941 a respeito da situação da Grã-Bretanha na guerra. A matéria dizia: “A carestia na Grã-Bretanha agravada pela desorganização²⁹”. O que o jornal afirmava é que a Grã-Bretanha passava por racionamento de alimentos, que crianças estavam passando fome e que o governo não conseguia lidar com a situação. O motivo para isso foi dito logo no início da matéria por meio de um dito popular: “O rico que cai repentinamente em miséria é o pobre mais triste de todos os pobres porque não sabe conviver com a sua pobreza³⁰” (LA CARESTIA..., 1941, p. 6, tradução nossa). A mensagem é simples e direta: os ingleses estão passando por maus momentos com falta de alimentos porque sempre foram arrogantes e não sabem lidar com a pobreza. A explicação para a desgraça dos inimigos veio através de um juízo de valor constantemente repetido a respeito dos ingleses e franceses.

Para completar o sentido da notícia, outra matéria vinha na mesma página dessa edição: “Perfeita solidariedade do Eixo na luta contra a Grã-Bretanha. A guerra que se está combatendo é única, como será a vitória que se conseguirá³¹”. Nessa matéria, o *Corriere* afirmou que existia uma solidariedade mútua entre Itália e Alemanha o que seria decisivo para que os dois países fossem vitoriosos na guerra. É apontada também a importância dos sacrifícios feitos pelos trabalhadores dos dois países, também soldados da nova ordem histórica e fruto da evolução do ideal mussoliniano (PERFETTA..., 1941, p. 6, tradução nossa). Além de sublinhar a incapacidade moral dos ingleses de viverem momentos de dificuldades, o jornal italiano afirma também uma derrota iminente do inimigo. Tal atitude prenuncia constantemente o fim da guerra e a vitória do Eixo, numa aparente tentativa de inflar o ego dos italianos para que esses mantivessem ainda a esperança e os ânimos num momento em que não era possível saber como e quando aquilo tudo terminaria.

Além do estigma e do estereótipo, a propaganda do regime fascista classificava a sua política imperialista de expansão territorial como uma missão de salvação de outros povos da barbárie ou da miséria. Por meio das páginas do jornal *Corriere della sera*, o regime fascista enunciava obras sociais e estruturais que fazia nas suas colônias, e mostrava como o povo dessas localidades se sentia agradecido pela ajuda. Em matéria do dia 15 de abril de

²⁹ “La carestia in Gran Bretagna aggravata dalla disorganizzazione”.

³⁰ “Il ricco che cade improvvisamente in misera è il povero più triste di tutti i poveri perché non sa rassegnarsi alla sua indigenza”.

³¹ “Perfetta solidarietà dell’Asse nella lotta contro la Gran Bretagna. La guerra che si sta combattendo è una, come una sarà la vittoria che si conseguirà”

1939, o jornal anunciou a anexação da Albânia ao império italiano e na mesma página mostrou a reação positiva dos albaneses. Em uma foto, dois deles olham uma foto de Mussolini enquanto outro segura uma foto de Galeazzo Ciano, então ministro das Relações Exteriores. Na legenda se lê: “As fotografias do *Duce* e do conde Ciano são difusas em toda as ruas e casas da Albânia. Não existe pessoa, de qualquer classe social, que não queira ter uma cópia³²” (IL RE..., 1939, p. 1, tradução nossa).

A Albânia era território estratégico para a Itália, já que por meio do controle daquela região passou a ter o controle sobre a entrada no Mar Adriático. Porém, a intervenção nos Balcãs e anexação da Albânia foi justificada no *Corriere* como uma intervenção humanitária.

Nem a opinião pública nem o próprio Mussolini pareciam absolutamente confiantes com a entrada na Segunda Guerra Mundial principalmente pelos resultados incertos de um conflito naquele momento e por conta da lembrança recente de uma guerra mundial. Por outro lado, a guerra mundial representava a continuação do posicionamento político imperialista e expansionista que a Itália mantinha desde 1935 e do discurso de revolução mantido desde o início do movimento fascista italiano.

Esse discurso de revolução, porém, era uma adaptação da ideia da luta de classes socialista. No discurso fascista, a ideia de revolução é transferida da luta de classes para o âmbito da luta entre nações. O papel da Itália seria mudar a ordem mundial baseada na exploração dos países pobres pelos países ricos.

Como pôde-se perceber, a construção da imagem da Grã-Bretanha, por exemplo, foi baseada no estereótipo de que os ingleses são arrogantes, o governo é corrupto, a democracia não funciona e aquele país perderia a guerra por isso. Por outro lado, a Itália havia passado por uma revolução moral, os italianos sempre precisaram lidar com a pobreza com muita coragem e lidavam muito bem com a escassez de bens trazida pela guerra, por isso tendia a ganhar a guerra com a ajuda dos amigos alemães. A Segunda Guerra Mundial se baseava então na luta entre países ricos exploradores e corruptos e países pobres, que eram impedidos por aqueles arrogantes de expandir seu território.

O discurso de Mussolini quando anunciou, em 10 de junho de 1940, a entrada na guerra corrobora com isto. O *Duce* afirmou que os italianos entrariam na guerra “contra as

³² “Le fotografie del Duce e del conte Ciano sono diffuse in tutte le strade e le case dell’Albania. Non v’è persona, a qualsiasi ceto appartenga, che non voglia averne una copia”.

democracias plutocráticas e os reacionários do Ocidente³³”. Essa guerra se basearia, segundo ele, numa luta

do povo pobre de braços numerosos contra os ávidos que detêm ferozmente o monopólio de toda a riqueza e de todo ouro da terra (...). É a luta do povo fecundo e jovem contra os povos estéreis e decadentes, é a luta entre dois séculos e duas ideias³⁴ (LA PAROLA..., 1940, p. 1, tradução nossa).

Assim mais uma vez o regime fascista italiano justificou a sua declaração de guerra baseado numa suposta ameaça que vinha da Grã-Bretanha, França e União Soviética. Nesse sentido, o regime afirmava mais do que uma vontade de participar da guerra, mas na verdade a necessidade disso, como forma de proteger o povo italiano contra os inimigos do fascismo e como uma continuação da revolução ainda em curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Itália fascista foi um movimento de massa e enquanto tal precisava manter o apoio constante das massas para ter o Estado sob seu controle. Para isso, o regime utilizou todas os meios de comunicação disponíveis para alcançar e manter-se no poder. Os meios disponíveis eram as mídias escritas, o rádio e o cinema.

As mídias enquanto tal não representam um poder paralelo ao poder político, não tem poder de autoridade, não sanciona nem consagra nenhuma informação como verdade (CHARAUDEAU, 2007, p. 25). Porém, quando instrumentalizadas por algum poder legitimado, como o caso do Estado italiano durante o fascismo, podem ser utilizadas com o objetivo de manipular a opinião pública a crer em alguma verdade, e incitar a ação de acordo com essa verdade.

Nesse sentido, o regime fascista italiano, principalmente a partir de 1935, utilizou o jornal o *Corriere della sera* com o objetivo de conduzir a opinião pública a crer em determinadas verdades, principalmente para unir as massas em torno de bandeiras ideológicas como a do nacionalismo, da revolução e da regeneração moral. Assim, o regime fascista utilizou em seu discurso todas as estratégias de manipulação elencadas pelo linguista Patrick Charaudeau, que são: a simplificação, quando tentou explicar realidades complexas pelo uso de estigmas e generalizações; discurso de ódio, quando justificou a necessidade de

³³ “Contro le democrazie plutocratiche e reazionarie dell’occidente”.

³⁴ “È la lotta dei popoli poveri e numerosi di braccia contro gli affamatori che detengono ferocemente il monopolio di tutte le ricchezze e di tutto l’oro della terra (...) È la lotta dei popoli fecondi e giovani contro i popoli steriliti e volgenti al tramonto, è la lotta tra due secoli e due idee”.

intervenção na Etiópia por uma suposta ameaça dos negros africanos à raça branca; as narrativas dramáticas, para causar medo, angústia ou afeto; e por último, mas não menos importante, a repetição constante de determinada informação, com o intuito de, no fim das contas, conseguir o resultado desejado que é a internalização de determinada opinião. A Itália fascista então, através da construção da imagem dos outros, criava sua própria identidade nacional, utilizando como suporte tecnológico para isso a mídia escrita, como foi o exemplo do jornal *Corriere della sera*.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BEN-GHIAT, Ruth. Language and the construction of national identity in fascist Italy. *The European legacy*, v. 2, n. 3, p. 438-443, 1997.
- CAVALLO, Pietro. *Italiani in guerra: sentimenti e immagini dal 1940 al 1943*. Bologna: Mulino, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. *Análises do Discurso Hoje*, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p.57-78.
- FONDAZIONE dell'Impero fascista, *Corriere della sera*, 11 de maio de 1936. Milão, 1936, p. 1. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>>. Acesso em: 26 abr. 2016.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2007.
- GENTILE, Emilio. *Fascismo: storia e interpretazione*. Bari: Laterza, 2008.
- GLI ITALIANI sono fatti, *Corriere della sera*, 23 de julho de 1932. Milão, 1932, p. 1. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>>. Acesso em: 09 jul. 2016.
- HABERMAS, Jürgen. Comunicação, opinião pública e poder. In: COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- IL RE d'Italia accetta la corona d'Albania, *Corriere della sera*, 15 de abril de 1939. Milão, 1939, p. 1. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto PUC, 2006.
- L'ACCANIMENTO degli aerei inglesi contro obiettivi non militari, *Corriere della sera*, 27 de junho de 1940. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

LA CARESTIA in Gran Bretagna aggravata dalla disorganizzazione, *Corriere della sera*, 5 de janeiro de 1941. Milão, 1941, p. 6. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

LE VITTIME dei marxisti sono cinquantamila. *Corriere della sera*, 3 de janeiro de 1937. Milão, 1937, p. 7. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

L'IMPERATORE d'Abissinia dirige il movimento antieuropeu in Africa. *Corriere della sera*, 18 de junho de 1935. Milão, 1935, p. 1. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>> Acesso em 14 jul. 2016.

MANCINI, Guido; PAGLIARO, Antonino; MARTINI, Giuseppe. *Dizionario di politica a cura del PNF*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1940.

MUSSOLINI, Benito. *O Estado corporativo* [online]. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/corporativo.html>>. Acesso em 10 jun. 2016.

MUSSOLINI, Benito. Recisa lettera di Mussolini sulle Associazioni regionalistiche. *Corriere della sera*, 21 de julho de 1932. Milão, 1932, p. 1. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>> Acesso em 14 jul. 2016.

MUSSOLINI, Benito. La parola d'ordine: vincere. *Corriere della sera*, 11 de junho de 1940. Milão, 1940, p. 1. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>> Acesso em 22 jul. 2016.

PAXTON, Robert Owen. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PERFETTA solidarietà dell'Asse nella lotta contro la Gran Bretagna. *Corriere della sera*, 5 de junho de 1941. Milão, 1941, p. 6. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo: história e política*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (orgs.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

STRASBURGO deserta ed intatta occupata dai germanici senza colpo ferire. *Corriere della sera*, 27 de junho de 1940. Milão, 1940, p. 4. Disponível em: <<http://archivio.corriere.it/>> Acesso em 25 mai. 2016.

VALERI, Nino. *Da Giolitti a Mussolini*. Milão: Il Saggiatore, 1974.

Recebido em 19/09/2016
Aceito em 18/11/2016